

OLHAR A
TERRA,
VER O
CÉU.



acervo

Artístico-Cultural dos Palácios do
Governo do Estado de São Paulo

Casa Civil



SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO SÃO TODOS

SUMÁRIO - SUMÁRIO -

MATERIAL EDUCATIVO

05	A publicação
07	A paisagem
13	Atividade "Olhar a terra"
15	Atividade "Ver o céu"
19	O artista Maurício Parra
21	Atividade "Cada mergulho é um flash" Maurício Parra
23	O artista Henrique Detomi
25	Atividade "Recolher a paisagem recriar o mundo" Henrique Detomi
27	O artista David Almeida
29	Atividade "Paisagens no barro" David Almeida
31	A artista Danielle Noronha
33	Atividade "Cores da natureza" Danielle Noronha
35	Bibliografia
37	Créditos

OLHAR A TERRA, VER O CÉU.

MATERIAL EDUCATIVO

"OLHAR A TERRA, VER O CÉU"

CURADORIA: RACHEL VALLEGO

PERÍODO: 06 JUL. - 06 OUT. 2024

PALÁCIO BOA VISTA, CAMPOS DO JORDÃO

Este material educativo tem como objetivo servir como ponto de apoio e disparador de reflexões sobre a exposição “Olhar a terra, ver o céu” por meio de textos, atividades e experiências pensadas especialmente para o público infanto-juvenil.

A Exposição “Olhar a terra, ver o céu”, no Palácio Boa Vista em Campos do Jordão, tem como tema central a paisagem e como olhamos, entendemos e sentimos a natureza na contemporaneidade. Para isso foram convidados quatro artistas do cenário artístico atual, que inovam o gênero ao experimentarem diferentes materiais e técnicas. São eles Danielle Noronha, Henrique Detomi, David Almeida e Mauricio Parra.

Neste material educativo o objetivo é estimular a observação atenta da natureza e sua relação com o humano, partindo de experimentações artísticas diversas. É importante valorizar o olhar infanto-juvenil pois é no jovem que mora a novidade, a possibilidade de exercer novos olhares, novos pensamentos e novas possibilidades de interação do ser humano com a natureza.

Se você visitou a nossa exposição ou está conhecendo esse material por meio do nosso site ou das redes sociais, aproveitamos para convidar você a visitar o Palácio dos Bandeirantes, sede do governo estadual e residência oficial do governador na capital, e o Palácio Boa Vista, residência de inverno do governo e palácio-museu, em Campos do Jordão, onde vocês podem ver obras da coleção do Acervo Artístico-Cultural dos Palácios e obras de artistas convidados nas exposições temporárias.



A PAISAGEM
A PAISAGEM

Quando pensamos em paisagem o que vêm à mente? Uma vista maravilhosa do horizonte, uma praia ao pôr-do-sol, uma montanha que emerge de um lago de águas cristalinas, um campo de girassóis. Tudo isso parece tão relaxante, bonito, bucólico que até parece um fundo de tela no computador. Mas será que a paisagem é só isso? Uma vista, um panorama, um olhar da exuberância da natureza?

Se procurarmos no dicionário Houaiss encontraremos algumas definições de paisagem que convergem para essa ideia. Nele a paisagem pode ser: a extensão de território que o olhar alcança num lance; o conjunto de componentes (naturais ou não) de um espaço **externo** que pode ser apreendido pelo olhar; um espaço geográfico de um determinado tipo, por exemplo: uma paisagem costeira, ou uma paisagem campestre; e ainda, pode ser uma obra de arte em que o tema principal é a representação de formas naturais ou de lugares campestres.¹ Porém alguns pensadores se debruçaram sobre esse tema e chegaram a conclusões diferentes que transformam a paisagem, estreitando sua relação com o ser humano e sua ação no tempo.

Para o geógrafo Milton Santos:

“A paisagem é o conjunto de formas que [...] exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são essas formas mais a vida que as anima.”²

Portanto, para ele, a paisagem soma todas as ações que o homem faz em um determinado lugar, ela representa essa relação. E se somarmos a isso, a vida humana e natural que habita essa paisagem, então teremos o espaço. Essa definição muda completamente a forma como devemos enxergar a paisagem. Ela deixa de ser algo totalmente natural, dado pelos deuses ou pela terra, para que possamos usufruir, e infelizmente, porventura destruir. A paisagem se torna nossa responsabilidade. Se a paisagem revela as sucessivas ações do homem, ela é responsabilidade de toda a humanidade, e, para além de apreciar, é preciso cuidar, preservar, usar os recursos de maneira renovável: é preciso proteger!

Essa ideia se aplica tanto às paisagens ditas naturais, como às paisagens urbanas, sendo que estas dependem mais diretamente da ►

1. SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1999.

2. BESSE, Jean-Marc. O gosto do mundo: exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2014.

vontade do homem. Se as cidades se apresentam hoje poluídas, difíceis de serem habitadas e mesmo hostis à vivência em comunidade e à circulação dos indivíduos, tudo isso é responsabilidade da comunidade de cidadãos.

Para além da definição linguística e geográfica da paisagem, nesta exposição vamos pensar também na sua definição artística. Interessante pensar que a paisagem na arte seria sempre uma cópia insuficiente das maravilhas da natureza e nunca a própria natureza.³ Na arte, a paisagem existe enquanto uma representação destinada a seduzir o olhar de quem vê, criando ilusões.

Na história da arte, a paisagem como gênero independente teria surgido no período do Renascimento, como nos mostra Cauquelin:

"Autores confiáveis situam seu nascimento [da paisagem] por volta de 1415. A paisagem (termo e noção) nos viria da Holanda,

transitaria pela Itália, se instalaria definitivamente em nossos espíritos com a longa elaboração de leis da perspectiva e triunfaria de todo obstáculo quando, passando a existir por si mesma, escapasse a seu papel decorativo e ocupasse a boca de cena".⁴

Assim, a paisagem era antes apenas o fundo das pinturas, não tendo o protagonismo de um quadro. Isso só acontece no Renascimento, com o desenvolvimento da perspectiva, uma técnica de desenho que consegue enganar o olhar para que a gente acredite que a pintura é em 3D, ou seja, tem elementos que parecem mais próximos de nós, e elementos que parecem mais distantes, criando uma ilusão de um cenário em que podemos entrar.

Nesse momento a pintura de paisagem ganhou independência, mas a pintura de uma paisagem não é a paisagem em si. (A paisagem seria igual a natureza, e, portanto, seriam sinônimos? Ou a paisagem seria um recorte da natureza criado pela visão do

3. Cf. CAUQUELIN, Anne. A invenção da paisagem. São Paulo: Martins, 2007. p. 31.

4. Ibidem. p. 35-36.

homem?). A paisagem na arte tornou-se a escrita (ou a pintura) daquilo que vemos. Ou seja, esse recorte chamado paisagem, chegaria até nós pela pintura, pela técnica do artista que a representa em um quadro, criando um mundo para o deleite dos olhos.

Entre representação da realidade e criação do artista, a paisagem aparece como essa fuga da realidade e, ao mesmo tempo, um mergulho em uma realidade criada que nos aproxima da natureza, mesmo que ela não esteja ali, no quadro. A arte da paisagem é uma ilusão, um deleite. A curadora da exposição "Olhar a terra, ver o céu", Rachel Vallego pensa sobre o tema da seguinte forma: "Gosto de pensar a paisagem como a linha entre o céu e a terra, que cria um estado de alma, um desejo de comunhão com o espaço que nos cerca."

Os artistas dessa mostra vão em direção a esse local quando pintam a paisagem do Vale do Paraíba e tantas outras. Eles experimentam esse mergulho na natureza e na inspiração

da criação artística, para nos proporcionar esses momentos de prazer pelo olhar.

A exposição e o tema são um convite para apreciar a paisagem, mas nossa postura não deve ser apenas de contemplação, é preciso pensar a nossa relação com a paisagem e a centralidade (ou não) do meio ambiente nas decisões da sociedade como um todo.

No livro "A terra dá, a terra quer", o sábio quilombola Antônio Bispo dos Santos nos fala justamente sobre essa comunhão e esse compartilhamento que o homem deve ter com a natureza e o cosmos. Para ele, a humanidade perdeu a noção de que o homem é parte da natureza e se coloca como exploradora de matéria-prima, afastada dela. ►

"Quando cheguei ao território que estou hoje já existiam outros compartilhantes que nos receberam. Na Caatinga, os umbuzeiros nos receberam. Eles compartilharam seus frutos, suas folhas e suas raízes quando chegamos, e não trouxemos nada para os umbuzeiros. Eles já eram nativos daqui, viemos habitar esta terra depois deles. Foi assim com os pássaros, foi assim com uma planta chamada pinhão - que não é o pinhão manso, é um pinhão cuidado por nós, ditos humanos, que as juritis adoram. Elas comem esses pinhões e, vez por outra, pegamos uma juriti. O pinhão compartilha com a juriti, a juriti compartilha conosco, e nós vamos compartilhar de novo com o pinhão. Agora que já estamos aqui há mais tempo, entramos também no ciclo local de compartilhamento.

Se vejo uma árvore que não está em bom estado, vou cuidar dela e ela vai servir tanto para mim como para os demais seres. Existe uma árvore na Caatinga chamada jacurutu. A jacurutu é uma árvore espinhosa, frondosa, que cresce muito. Ela é medicinal, mas não dá frutos para nós. No entanto, ela dá sombra para todo mundo, o ano inteiro, o que é uma forma de compartilhamento. Quando precisamos de uma bendita sombra para aliviar o sol, a jacurutu nos acolhe. Um pé de jacurutu, para nós, é como uma marquise para quem vive na cidade".⁵

O apreciador da paisagem deve ser também um defensor da natureza e isso é proteger a própria humanidade, que faz parte da paisagem. A reflexão nesta exposição deve também vir acompanhada de

responsabilidade ecológica, de pensar toda a vida na terra como essa comunhão de “compartilhantes”, pois compartilhamos a presença no universo.

A partir disso, algumas questões sobre a natureza podem também ser levantadas, como as que foram apresentadas no Material Educativo da exposição “São Paulo: povo, terra e trabalho” inaugurada no Palácio dos Bandeirantes em abril de 2024.

“As populações têm tido o direito de usufruir de seus territórios e de suas paisagens a contento? Os rios são despolidos e neles podemos desfrutar momentos de lazer, usá-los para o transporte, ou dispor de seus peixes? E as populações quilombolas e indígenas têm conseguido seu direito à terra ou ainda têm conseguido manter-

se sem ataques a soberania de seu povo e território? Como está a divisão das terras produtivas? Todos têm acesso à terra para produção de alimentos? Que tipos de cultivo são majoritários? Aqueles que garantem o sustento de todos os habitantes do nosso país ou o cultivo majoritário serve para exportação? Essas questões são fundamentais quando pensamos em paisagem, terra e território e esperamos que sejam base para a reflexão de todos”.⁶

6. Cf. CURADORIA DO Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo. São Paulo: povo, terra e trabalho - Material Educativo. São Paulo, Acervo dos Palácios, 2024. p. 34. Disponível em: < <https://www.acervo.sp.gov.br/exposppovo/Home/Educativo>>. Acesso em: 25 jun. 2024.

ATIVIDADE

OLHAR A TERRA

Partindo do título da exposição propomos duas atividades iniciais para exercitar o olhar. É só quando olhamos o mundo com atenção que conseguimos nos maravilhar novamente com os detalhes e encantos do mundo. A exposição propõe olhar a terra e ver o céu. Esses são dois pontos de vista que nós dificilmente exercitamos na correria do dia a dia. Em geral, nós olhamos somente para frente, para o horizonte, para o futuro, para a velocidade. É só quando paramos o ritmo acelerado das nossas atividades é que conseguimos tanto olhar para a terra, como ver o céu.

Nessa atividade vamos olhar a terra! Você sabia que existe toda uma série de detalhes, texturas, marcas e desenhos no chão que a gente pisa por aí? Pode ser o granulado do asfalto, o desenho de uma tampa de bueiro, a geometria de um piso de mosaico, as nervuras de um piso de madeira etc. Mas como registrar esses inúmeros desenhos?

VEJA QUE LEGAIS ESSES EXEMPLOS DE FROTAGEM:



Exemplos de frotagem em pisos. Disponível em: <https://tinyurl.com/56kvec35> Acesso em: 27 jun. 2024.

Mão na massa

Para registrar os desenhos que encontramos no chão, você vai precisar de papel sulfite e giz de cera. E a técnica que vamos usar se chama “frotagem”.

A frotagem é uma técnica artística que consiste em friccionar uma ferramenta de desenho (que pode ser uma barra de grafite, giz de cera etc. sobre um objeto ou superfície irregular que está por baixo de um papel e assim reproduzir a textura desse objeto.

O termo frotagem é uma adaptação da palavra francesa frottage, que significa friccionar ou esfregar. Então o que você precisa fazer é

encontrar no chão uma textura bem diferente que te chame a atenção, colocar a folha de papel sulfite por cima e esfregar o giz de cera por cima, (usando o giz de cera deitado) até reproduzir o desenho na folha. Pronto, você a sua primeira frotagem. Agora é só virar um caçador de texturas e sair por aí procurando desenhos legais para reproduzir.

Tire foto das suas frotagens e poste nas redes sociais marcando o @acervodospalacios. Sua produção pode aparecer no nosso Instagram!

ATIVIDADE

VER O CÉU_

Agora que você já parou o ritmo acelerado dos movimentos para olhar a terra, é hora de ver o céu! Faz quanto tempo que você não para e olha o céu? Não vá me dizer que você é daqueles que acham que o céu é só azul, né? Se você reparar bem, dependendo da hora do dia, do clima, ou até das estações do ano, o céu muda completamente! Ele pode ser azul, amarelo, rosa, roxo, laranja, preto ou tudo isso junto! O dia pode estar ensolarado ou pode estar coberto de nuvens!

Agora chegamos num ponto interessante, você já ficou de papo para o ar só imaginando desenhos em nuvens? Que tal fazer isso de novo, mas registrando esses devaneios?



Desenhos de Cris Judge em fotografia de nuvens.⁷

Mão na massa

Escolha um dia de sol, com céu azul, mas que haja bastante nuvens.

Aproxime-se da terra, deite-se no chão de barriga para cima e dedique um bom tempo para apreciar a imensidão do céu e a diversidade das nuvens. Sempre tem aquela que parece um rosto de alguém bem narigudo, ou um cachorrinho, às vezes até um dragão!

Pegue um papel color set azul, uma canetinha hidrocor preta e uma caneta de tinta acrílica branca (também pode ser uma caneta em gel branca ou giz de cera branco). Pinte de branco nesse céu de papel as nuvens que você observou. Depois em preto, dê a elas as formas das figuras que você imaginou!

O ilustrador irlandês Chris Judge fez algo parecido, olha que ideia legal para você se inspirar!

Pense em como vai ficar lindo esse céu de papel! Agora tire uma foto, poste nas suas redes sociais e marque o @acervodospalacios. Seu céu pode aparecer no nosso Instagram!

Depois de ter parado para olhar a terra e ver o céu, conheça um pouco sobre os quatro artistas convidados para essa exposição. Em cada um você vai encontrar uma nova atividade para fazer!

OS ARTISTAS-
-OS ARTISTAS

A exposição “Olhar a terra, ver o céu” procura retomar a reflexão sobre a paisagem a partir do reencontro com a natureza pela visão de quatro artistas: **Danielle Noronha, Maurício Parra, David Almeida e Henrique Detomi.** O foco é o sentido da experimentação, de como esses artistas sentem e vivenciam a paisagem em suas obras.

Maurício Parra

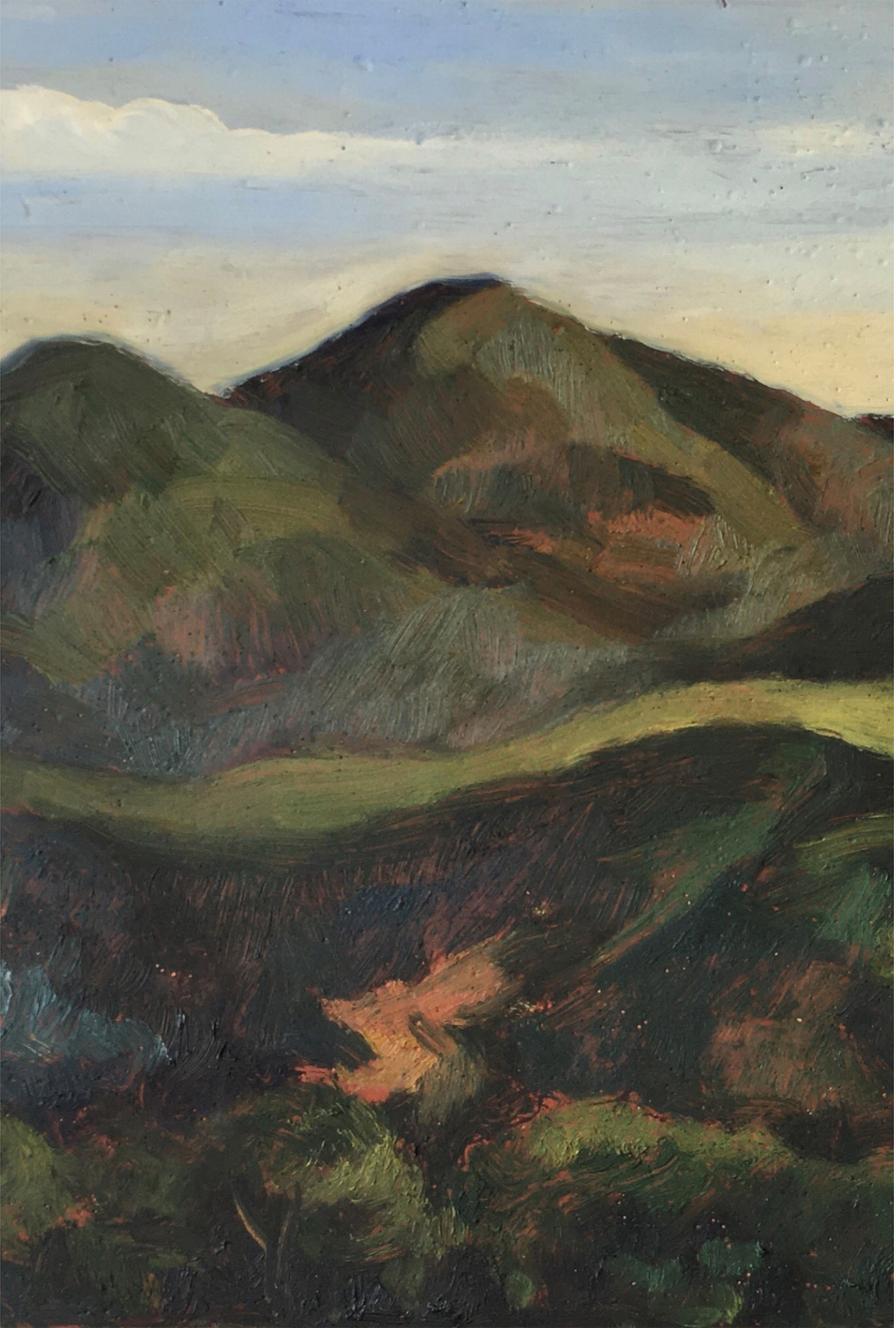
Neste grupo de artistas selecionados para a exposição, Mauricio Parra foi um articulador, pois era na propriedade de sua família em Pindamonhangaba que os quatro se reuniam para sessões de pintura ao livre.

Parra nasceu em 1976 em São Paulo e formou-se em Arquitetura e Urbanismo pela Unitau (Universidade de Taubaté). No campo artístico frequentou os ateliês de: Rubens Matuck, onde aprendeu sobre tinta a óleo e aquarela; do impressor Roberto Grassmann; e o ateliê de gravura do Museu Lasar Segall, onde se aprofundou na técnica da gravura em metal.

Em 2007 recebeu o Prêmio especial na 3ª Bienal de Nacional Gravura de Atibaia. Em 2009 recebeu menção Honrosa na Internacional Small Engraving Salon, na Romênia e no mesmo ano o prêmio de Jovens Artistas realizado pelo Espaço Cultural Citi Bank. Realizou residências

em Gludsted na Dinamarca em 2013 e em Marianowo, Polônia em 2015. Como resultado das duas residências fez duas exposições na Galeria Mezanino, SP. "Memórias do sol as 21h30" em 2014 e "Um Verão em Marianowo" em 2015. Em 2016 realizou a exposição Individual "A ausência é um estar em mim" na Galeria Mezanino e mais recentemente participou da Coletiva EscapLand na Galeria Marta Traba no Memorial da América Latina.

Nas obras de Parra vemos a silhueta do mar de montanhas verde escuras da região do Vale do Paraíba deslumbrarem nossos olhos em pinturas a óleo sobre argila sobre tela. Ele entende que cada instante na paisagem é passageiro e assim ele aceita na sua pintura, que é impossível capturar exatamente aquilo que o olhar é capaz de ver. Sua obra recolhe então momentos, fragmentos desse sentimento que é estar na paisagem.



ATIVIDADE

CADA MERGULHO UM FLASH _

Em algumas obras de Maurício Parra é possível vislumbrar o céu em diferentes momentos do dia, climas e estações do ano. Por vezes o sol aparece triunfal, em outros momentos o céu está tomado de nuvens.

Um dos exercícios de pintura que os artistas do Impressionismo faziam, era pintar várias vezes exatamente a mesma paisagem, porém em diferentes horas do dia e momentos do ano, justamente para pensar sobre como a luz interfere nas cores e até nas formas de um mesmo lugar. O impressionismo foi um movimento artístico que refletia muito sobre a luz, e criava "impressões", pinturas rápidas que buscavam captar esses momentos efêmeros.



Maurício Parra
(São Paulo/SP, 1975)
Fim de tarde na várzea da
Mantiqueira, 2019
Óleo sobre madeira preparada
com bolo armênio
Coleção do artista



Maurício Parra
(São Paulo/SP, 1975)
Sol de inverno, 2018
Óleo sobre madeira preparada
com bolo armênio
Coleção do artista

Mão na massa

Pensando nisso, que tal fazer esse exercício com a sua câmera fotográfica? Escolha uma paisagem que você goste bastante e seja perto da sua casa (assim vai ser fácil de você chegar até lá). Agora escolha um ponto onde você vai ficar parado com o seu celular apontando para a paisagem e faça fotografias em vários momentos do dia - manhã, tarde e noite - e dias diferentes.

Você vai perceber que se você fosse usar essas fotografias como base para fazer uma pintura dessa paisagem, seria difícil escolher com qual cor você iria pintar cada elemento. O céu tem

sempre a mesma cor? E a grama? E os prédios? Veja essas diferenças nas fotografias que fizemos do Palácio dos Bandeirantes em 2022.

Junte todas essas fotografias, faça uma montagem em mosaico e poste nas suas redes sociais marcando o @acervodospalacios. Sua produção pode aparecer nosso Instagram!



Henrique Detomi

Henrique Detomi nasceu em 1988 em Belo Horizonte, Minas Gerais. Formou-se em Artes Plásticas na Escola Guignard da Universidade Estadual de Minas Gerais e tornou-se mestre em Poéticas Visuais pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP.

Tendo sempre se dedicado às artes plásticas, suas últimas exposições individuais foram: "Em Pé na Beira do Abismo" na Galeria Periscópio, em Belo Horizonte – MG, "SAGOMA" na Casa Fiat de cultura em Belo Horizonte – MG, em 2021 e "Espaço Transitório" no BDMG Cultural Belo Horizonte – MG, em 2018.

Participou também de diversas mostras coletivas, das quais se destacam: "Daqui a Pouco" na Galeria Baró, em São Paulo – SP; "Scapelands" na Galeria Marta Traba - Memorial da América Latina, em São Paulo – SP, ambas em 2018 e o 15º Programa de exposição do MARP, em Ribeirão Preto – SP. Fez parte de residências artísticas como: "Casulo, Fêmea Fabrica", em Campinas – SP em 2021, "ArtFarm Project, Galpões Tico-tico" em Amparo – SP, em 2019 e a "13ª Residência Artística RedBull

Station", em São Paulo, SP, em 2017, além de participar de salões de arte tais como: "Salão de Artes de Ubatuba", em 2022; "Salão de Arte Pequenos Formatos" de Britânia – GO, em 2020; do "Salão de Arte de Itajai" em 2018; e do Salão Arte Londrina em 2019. Recebeu o prêmio visualidades no "Salão Nascente USP" em 2018 e ganhou menção honrosa no Salão de Artes Plásticas de Praia Grande – SP, em 2012.

Sua pintura se desenvolve em torno da paisagem, trazendo questões a respeito das formas como nos relacionamos com os espaços naturais. Sua produção parte da conexão do corpo com o espaço através do caminhar. Andar sem destino permite que ele esteja imerso no presente, em conexão com o ambiente. O contato com a terra nessas caminhadas se reflete diretamente nas grossas camadas de tinta e cera em suas obras. Essas massas cheias entram em contraste com áreas abertas, onde também é possível contemplar o vazio. Ao brincar com cheios e vazios, o artista cria paisagens com certo ar de irrealidade, juntando o possível e o impossível.



Tríptico Sem título [série
Henrique Detomi (Belo
Horizonte/MG, 1988)
Minutos antes do fim], 2023
Óleo s/ madeira preparada
com bolo armênio, carbonato
de cálcio e cola de pele
Coleção do artista

Mão na massa

Preste atenção nos caminhos que você faz no dia a dia e tente recolher fragmentos da natureza que você encontra por aí. Pode ser uma folha caída de uma árvore, uma flor, uma pedrinha, um graveto. Faça uma coleção desses objetos! Depois olhe para todos eles e pense no potencial que eles têm de se tornar um desenho, uma forma.

Agora pegue uma folha de papel cartão, faça uma colagem com esses elementos criando formas, ou ainda, você pode complementar essa colagem criando desenhos com canetinha hidrocor. Veja essas inspirações e solte sua imaginação!

Depois é só tirar uma foto do seu trabalho e postar nas redes sociais marcando o @acervodospalacios. Sua obra de arte pode aparecer no nosso Instagram!

David Almeida

David Almeida nasceu em Brasília em 1989 e formou-se em Artes Plásticas pela Universidade de Brasília. Entre suas principais individuais estão: "Arriba do Chão", na Millan, São Paulo - SP em 2022; "A task of wonders", durante a residência no Espronceda Art Center, em Barcelona, Espanha em 2020; "Lindeza", na Referência Galeria de Arte, em Brasília - DF, em 2019; "Encaço", no Mult.i.plo Espaço Arte, no Rio de Janeiro - RJ; "Paradeiro", na Zipper Galeria, em São Paulo - SP, em 2018 e "Asseidade da Fenda", no Elefante Centro Cultural, em Brasília - DF, em 2016.

Participou de mostras coletivas como "Paisagem interior", na Casa Zalszupin, São Paulo - SP, em 2023; "Stranger than Fiction", na Galleri Magnus Karlsson, em Estocolmo, Suécia em 2023; "Contramemória", no Theatro Municipal de São Paulo - SP; "In Residency, Residency Unlimited", em Nova York, EUA, em 2022;

"Postcards", na Galleri Magnus Karlsson, em Estocolmo, Suécia; "Um lugar nenhum: Paisagens contemporâneas", na Galeria Marília Razuk, em São Paulo - SP, em 2021; "Segunda Natureza", na Fernando Pradilla, em Madrid, Espanha, em 2020; "Triangular - Arte desse século", na Casa Niemeyer, Brasília - DF em 2019; "Scapeland - Território de Transito Livre", no Memorial da América Latina, em São Paulo - SP, em 2018; "UNS", na Library of Love, Contemporary Art Center, em Cincinatti, EUA, em 2017; e "Salão Transborda Brasília 2016", na Caixa Cultural Brasília - DF em 2016.

Ele foi indicado ao Prêmio PIPA em 2022, foi premiado em 2015 e 2013 pelo Salão de Arte de Jataí, em 2014 pelo 20º Salão Anapolino de Arte. Ganhou o primeiro lugar no I Prêmio Vera Brant de Arte Contemporânea em 2016.

A pesquisa de David Almeida se desenvolve em torno da experimentação da pintura em diversos meios e suportes como tela, linho, madeira e cerâmica. O desejo por moldar a superfície o levou ao barro cerâmico, no qual ele deixa marcas do seu trabalho manual, criando uma textura para a pintura que vem depois. Suas paisagens são pintadas sobre esses materiais e muitas vezes também em pequenas placas de madeira que ele encontra pela cidade, onde ele cria composições com fragmentos.

Nas suas obras ele reflete sobre o espaço e o corpo em movimento, explorando a cidade e a paisagem regional brasileira, além de brincar com o real e o imaginário, chegando inclusive até a abstração. (A arte abstrata, ao contrário da arte figurativa, se desprende da realidade e da necessidade de representar as pessoas, animais, plantas e objetos que existem no mundo. A arte abstrata se concentra nas cores, formas, manchas, linhas e traços).



David Almeida
(Brasília/DF, 1989)
Sem título, 2023
Óleo sobre madeira preparada
com bolo armênio
Coleção do artista



David Almeida
(Brasília/DF, 1989)
Queda forte, 2021
Óleo sobre cerâmica
terracota
Coleção do artista

ATIVIDADE

PAISAGENS NO BARRO.

O artista David Almeida gosta de trabalhar com o barro, modelando formas, criando relevos e pintando suas paisagens sobre essas formas. É interessante notar que o barro também é parte da paisagem, da terra, da natureza. Dessa forma, a pintura da paisagem construída sobre o barro, tanto cria a ilusão de uma paisagem, porque é a sua representação pintada, como essa pintura é a própria paisagem, porque ela é feita de paisagem, feita de barro.



David Almeida
(Brasília/DF, 1989)
Sem título, 2023
Óleo sobre cerâmica
terracota
Coleção do artista

Mão na massa

Pensando nisso, que tal criar sua própria paisagem? Você também pode brincar de criador, modelando o barro e soprando vida sobre ele, ao pintar uma linda paisagem sobre o barro.

Para criar sua paisagem você vai precisar de um pacote de 500g de massa cerâmica terracota, que é uma massa parecida com a argila só que muito mais limpa e fácil de trabalhar. Ela seca no tempo e pode ser pintada com uma tinta à base de água, como o guache, por exemplo e até mesmo com canetinhas hidrográficas.

Agora você vai pegar essa massa e deixar livre a sua criatividade. Que formas você pode criar com essa massa? Uma superfície lisa ou rugosa? Uma placa plana ou cheia de relevos? Que tal pensar em reproduzir alguns pequenos vales e montanhas? Depois de modelar você vai deixar

essa massa secar no tempo. Pode demorar de um a dois dias, dependendo se o clima estiver mais frio e úmido ou mais quente e seco. Quando sua obra estiver sequinha é hora de pintar!

Use diversas cores de tinta guache e com um pincel, crie sua paisagem dos sonhos. Um lugar legal na natureza para onde você gostaria de ir para brincar, correr ou até mesmo descansar. Espere secar novamente e agora sim, sua obra está pronta!

É só tirar uma foto, postar nas redes sociais marcando o @acervodospalacios. Sua criação pode aparecer no nosso Instagram!

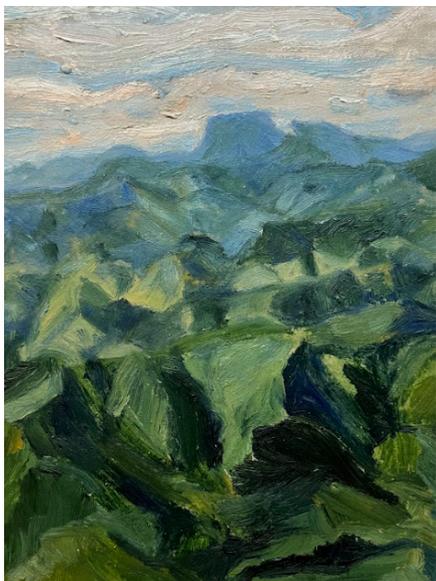
Danielle Noronha

Danielle Noronha nasceu em São Paulo em 1979. Formou-se em Design na Universidade de Brasília - UNB e tornou-se mestre em Poéticas Visuais na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo - ECA/USP. É professora de pintura na Faculdade Santa Marcelina, bem como ministra cursos de aquarela e desenho tanto de forma independente em seu ateliê, como também em instituições como o Sesc-SP e o Tomie Ohtake.

Entre suas mostras individuais, destacam-se "A Vista da Máscara" no Epicentro Cultural, em São Paulo - SP, em 2015 e "Veículo de Viagem" na Galeria Mezanino em São Paulo - SP, em 2014. Participou das seguintes exposições coletivas: "Animália - Artistas e seus bichos" na Galeria São Paulo Flutuante em São Paulo - SP em 2022; "Scapeland - território de trânsito livre" na Galeria Marta Traba - Memorial da América Latina, em São Paulo - SP em 2018 e "Risco#3, Cor Local, Ausência, Memória" no Sesc Belenzinho, em São Paulo - SP, em 2013. Foi premiada, junto de Diana Lanças, pelo PROAC

DIRETO com o projeto "Diálogo sobre pintura: processos criativos em aquarela" em 2022. Participou de residências artísticas na Dinamarca, na Polônia e no Brasil e foi indicada ao Prêmio PIPA 2023.

Seu trabalho se concentra mais fortemente na prática do desenho, da gravura em metal e da pintura. Ao se dedicar à paisagem, Daniele Noronha experimenta a materialidade da terra na coleta de pigmentos naturais para produção de tintas. Essa pintura em diferentes superfícies cria resultados surpreendentes. Aceitar como os materiais reagem entre si reforça a importância do estar no movimento do mundo. A passagem do dia, as mudanças na luz, o movimento constante de tudo o que nos cerca, vibram na obra de Noronha. Ela entende que qualquer resultado é provisório, não se satisfaz com efeitos, mas permanece em busca daquilo que é essencial.



Danielle Noronha
(São Paulo/SP, 1979)
Mantiqueira com
pedra do baú, 2019
Óleo e cera sobre
painel de madeira
com gesso crê
Coleção da artista



Danielle
Noronha
(São Paulo/SP,
1979)
Paisagem de
uma expedição
imaginária, 2021
Aquarela e guache
sobre painel de
madeira
Coleção da artista

ATIVIDADE

CORES DA NATUREZA

Para pintar paisagens cheias de luz e colorido, Danielle Noronha cria suas próprias tintas usando pigmentos naturais. Assim, suas paisagens também ganham cores vindas diretamente da natureza. Não é incrível pensar nisso?



Danielle Noronha
(São Paulo/SP,
1979)
Vai subindo a
barra do dia, 2021
Aquarela sobre
painel de madeira
preparada
com gesso
Coleção da artista

Mão na massa

Agora vamos criar nossas tintas naturais e pintar uma paisagem colorida? Para isso você vai precisar de:

PÓ DE CAFÉ

COLORAU OU PÁPRICA

AÇAFRÃO

COUVE

ÁGUA QUENTE

COLA LÍQUIDA BRANCA

PILÃO

PENEIRA

PAPEL CARTÃO

PINCEL

MODO DE FAZER AS TINTAS:

Misture um pouco do pó com pouca quantidade de água quente e misture bem. O pó de café vai dar origem à cor marrom, o colorau ou páprica, vai fazer o vermelho e o açafrão vai criar o amarelo. Depois adicione aos poucos um pouco de cola branca. A cola é que vai dar a liga para essa tinta!

Quanto mais pó você colocar, mais a cor vai ficar intensa e sua tinta estará pronta! Se você preferir, para fazer a cor marrom, peça para um adulto preparar o café em um coador, assim a sua tinta vai ficar sem a textura dos grãosinhos.

Para a tinta verde, vamos precisar das folhas de couve. Corte as folhas em tamanho pequeno. Coloque em um pote com um pouquinho de água

quente e com o pilão (ou o cabo de um talher) amasse bem as folhas. Você verá que a água vai ficar toda verdinha! Passe essa mistura em uma peneira, para separar as folhas e ficar só com o líquido. Agora adicione a cola branca para ficar mais grossinha e já está pronta!

Agora você tem 4 cores da natureza para pintar uma paisagem bem legal. Pegue uma folha de papel cartão, alguns pincéis de tamanhos diferentes e crie à vontade!

Depois é só tirar uma foto, postar nas suas redes sociais e marcar o @acervodospalacios. Suas cores e sua obra podem aparecer no nosso Instagram!

BIBLIOGRAFIA

BORDAS, Marie Ange. Manual da criança caiçara. São Paulo: Editora Peirópolis, 2011.

CASEY, Dawn. Contos da natureza. Ilustração: Anne Wilson. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

CAUQUELIN, Anne. A invenção da paisagem. São Paulo: Martins, 2007. p. 31.

CURADORIA DO Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo. São Paulo: povo, terra e trabalho - Material Educativo. São Paulo, Acervo dos Palácios, 2024. p. 34. Disponível em: < <https://www.acervo.sp.gov.br/exposppovo/Home/Educativo>>. Acesso em: 25 jun. 2024.

DANIELLE NORONHA. Site oficial. Disponível em: < www.daniellenoronha.com.br>. Acesso em: 27 jun. 2024.

DAVID ALMEIDA. Site oficial. Disponível em: <<https://millan.art/artistas/david-almeida/>>. Acesso em: 27 jun. 2024.

MAURÍCIO PARRA. Site oficial. Disponível em: <<https://www.oagaleria.com.br/mauricio-parra>>. Acesso em: 27 jun. 2024.

Perfil no Instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/almeidadavid/>>. Acesso em: 27 jun. 2024.

Perfil no Instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/noronha.danielle/>>. Acesso em: 27 jun. 2024.
HENRIQUE DETOMI. Site oficial. Disponível em: <<https://www.henriquedetomi.com>>. Acesso em: 27 jun. 2024.

Perfil no Instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/henriquedetomi/>>. Acesso em: 27 jun. 2024.

Perfil no Instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/mauricio.zparra/>>. Acesso em: 27 jun. 2024.

SANTOS, Antônio Bispo dos. A terra dá, a terra quer. São Paulo: UBU Editora; Piseagrama, 2023.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção 4. ed. 2. Reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

**GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO**

Governador

Tarcísio de Freitas

Secretário-chefe da Casa Civil

Arthur Lima

Secretário Executivo da Casa Civil

Fraide Barrêto Sales

Chefe de Gabinete da Casa Civil

Francisco Ronald Rocha Fernandes

Exposição

**OLHAR A
TERRA,
VER O
CÉU.**

Curadoria

Rachel Vallego

Assistência à Curadoria

Renata Rocco

Produção e Montagem

Rebeca Hindrikson

Gustavo Rosa

Rafael Celidônio Rodrigues

Denis Gorayeb

Conservação e Restauro

Adriana Pires

Pesquisa

Renata Rocco

Raquel Elena Ruiz

Documentação

Cláudio Lacerda Guerra

Comunicação

Carolina Macedo Guastaferrro

Comunicação visual e digital

Alessandra Laurenza

Impressão e Instalação

Select Color

Educativo

Raquel Elena Ruiz

Luciana Aparecida A. H. de Souza

Rafael Celidônio Rodrigues

Andrea Pacheco Ferreira França

Maridalva Aparecida Arakaki

Vinicius Cavalca Nogueira

Denis Briet

Luiz Fernando Brito da Silva

João Vitor Nogueira Okido

Administrativo

Sybil Souza Pinto

Ricardo Negreiros Pires Ferreira

Rita Morais Bloisi

Sueli da Fonseca Costa

MATERIAL EDUCATIVO **“OLHAR A TERRA, VER O CÉU”**

Textos

Raquel Elena Ruiz

Atividades

Raquel Elena Ruiz

Luciana Aparecida A.H. de Souza

Rafael Celidônio Rodrigues

Edição

Renata Rocco

Luciana Aparecida A.H. de Souza

Revisão

Luciana Aparecida A.H. de Souza

Renata Rocco

Design Gráfico

Alessandra Laurenza

Palácio dos Bandeirantes

Avenida Morumbi, 4500

Morumbi - São Paulo/SP

Horários de visitação

Segunda à sexta-feira, das 10h às 16h.

Sábados, somente para grupos acima de 10 pessoas, às 10h ou às 14h.

O agendamento prévio é necessário para todas as visitas.

O agendamento é realizado somente através do e-mail monitoria@sp.gov.br.

Palácio Boa Vista

Av. Adhemar de Barros, 3001

Alto da Boa Vista,

Campos do Jordão - SP

Horários de visitação espontânea e grupos sem agendamento

quarta-feira, sexta-feira, sábado e domingo, das 10h às 12h e das 14h às 17h, com permanência até as 17h30.

Não é necessário fazer agendamento.

Os visitantes são atendidos em grupos de até 20 integrantes. O atendimento é por ordem de chegada mediante distribuição de senhas.

Recomenda-se a chegada nos horários de abertura do portão (10h e 14h), principalmente nos meses de alta temporada.

Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo

  [@acervodospalacios](https://www.instagram.com/acervodospalacios)
www.acervo.sp.gov.br

Publicado em Julho de 2024



OLHAR A
TERRA,
VER O
CÉU.



acervo
Artístico-Cultural dos Palácios do
Governo do Estado de São Paulo

Casa Civil



SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO SÃO TODOS